

Boletim ABIA

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - Janeiro de 2020 / nº 65

Sexo Mais Seguro no Século XXI



ABIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
INTERDISCIPLINAR DE AIDS

ÍNDICE

1. Editorial - 4

Por Richard Parker

2. Guias de Sexo Mais Seguro: olhares e desafios da prevenção na 4ª década - 6

Por Jean Pierry Leonardo e Jessica Marinho

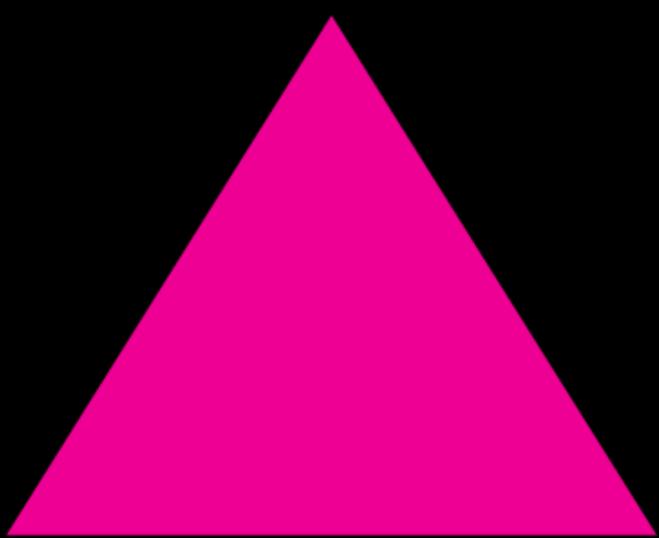
3. Guias sobre sexo mais seguro: corpos revelados com a arte da fotografia combinando a preven - 9

Por Vagner de Almeida

4. Guia de Sexo Seguro - 14

Por Juan Carlos Raxach

5. Impressões participantes do guia - 20



SILÊNCIO = MORTE

EDITORIAL

Por Richard Parker,
Diretor-presidente da ABIA



Desde 2013 – ano do início do Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens – que a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) planeja lançar os guias sobre o sexo mais seguro com uma linguagem de fácil acesso para jovens e outros grupos. Na ocasião, já alertávamos para o avanço do conservadorismo e o conseqüente silenciamento sobre sexualidade, gênero, práticas sexuais e a total ausência da educação sexual nas escolas, entre outros aspectos que impactaram negativamente a resposta à epidemia.

Entre 2010 e 2018, segundo dados divulgados pelo Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV/AIDS (UNAIDS), o Brasil registrou um aumento de 21% de novas infecções no período. A média de novos casos em nossos vizinhos da América Latina foi de 7%. A situação é particularmente preocupante entre os jovens. O Boletim Epidemiológico HIV/Aids divulgado pelo Ministério da Saúde em 2018 registrou um aumento de aproximadamente 700% da notificação de casos de HIV de pessoas entre 15 e 24 anos no período de dez anos (2007 e 2017, página 30).

Para romper com o ciclo do vírus ideológico – cada vez mais envolto pelo véu do moralismo – e para valorizar a longa tradição da educação popular em que as comunidades mais afetadas pela epidemia lideram a produção de conhecimento sobre práticas sexuais mais seguras, decidimos apostar na ousadia e investir na construção da publicação “Sexo Mais Seguro: Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no Século XXI” que reúne vários guias dentro deste tema. A ousadia tem um papel central tanto nos guias quanto na história da resposta face ao HIV (e outras infecções sexualmente transmissíveis). Os guias resgatam o conceito de sexo seguro criado pelas comunidades no início da epidemia e o atualiza para a realidade da epidemia, com ênfase na área de prevenção.

Para chegar aos guias no formato que foi lançado, nosso primeiro passo foi realizar uma ampla pesquisa sobre o tema em publicações semelhantes produzidas em outros países. Naquela ocasião, não sabíamos de que maneira reuniríamos os vários grupos mais vulneráveis ao HIV e à AIDS, ou se faríamos guias de sexo seguro específicos.

Também organizamos vários grupos focais para compreender as demandas específicas de cada um. Para nós, da ABIA, o que é imoral para uns pode não ser para outros. O que é compreendida como prática sexual de risco para uns, não é para outras pessoas. Os módulos que compõem estes guias reforçam que não se pode generalizar e afirmar que todos e todas sentem prazer no mesmo local e da mesma forma. Também não se pode exigir que todos sigam as mesmas regras. Foi por isso que respeitamos as diferenças de cada grupo e produzimos, pelo menos até aqui, três guias eletrônicos distintos: (1) sobre o HIV; (2) sobre outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e (3) sobre Hepatites Virais, sendo que este último está em fase de finalização e será lançado em breve.

Além disso, oferecemos um glossário com termos populares para terminologias médicas e comportamentais e contos eróticos que podem ser acessados por meio de um link. Produzimos também três folders impressos específicos para a prevenção do HIV – cuja versão em PDF está disponível na página do Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens – dirigidos para homens que fazem sexo com homens (HSH), mulheres cisgênero e mulheres transexuais.

Em breve, iremos oferecer folders impressos para homens trans, trabalhadores do sexo e jovens homens cis, entre outros grupos. Todos os componentes dos guias (versões impressa e eletrônica) são ilustrados com fotos originais feitas com os participantes/voluntários do Pro-

jeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens no lugar de modelos profissionais.

Cada módulo traz a visão específica dos grupos sobre o que é sexo mais seguro e a sexualidade como um todo é parte fundamental para uma prevenção efetiva para o HIV. São perguntas nunca antes respondidas e tais como: como uma mulher trans redesignada faz sexo com a sua nova vagina? O que é sexo mais seguro para as mulheres cis? E para os homens que fazem sexo com homens (HSH)? Que métodos preventivos para o HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis estão disponíveis atualmente para a população? Sexo mais seguro é necessário, mas nem todos e todas têm as mesmas práticas.

Este boletim se propõe a contar a história dos bastidores desta produção e registrar a maneira pela qual este rico material foi concebido. Quem começa a revelar as especificidades que surgiram

em cada grupo focal são os assistentes do Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens, Jean Pierry Leonardo e Jessica Marinho. A tarefa de contar quais foram os desafios de construir uma publicação que pudesse espelhar os diversos modos de prevenção do HIV/AIDS e também outras infecções sexualmente transmissíveis coube a Juan Carlos Raxach, coordenador da área de prevenção e saúde e co-coordenador do Projeto Diversidade Sexual Saúde e Direitos entre Jovens. Já Vagner de Almeida, coordenador e responsável pelo Projeto, traduz em palavras o que o corpo revela em cada imagem ou clique registrado durante as sessões de fotografia. E por fim os depoimentos dos voluntários e voluntárias que generosamente aceitaram o convite para dar corpo e voz às comunidades mais afetadas pela epidemia. Por meio destes módulos dos guias de sexo mais seguro, todas se fazem presentes.

Boa leitura!



Expediente



ABIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
INTERDISCIPLINAR DE AIDS

Av. Pres. Vargas, 446 13º andar - Centro
Cep 20071-907 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2223-1040

abia@abiaids.org.br
www.abiaids.org.br

Projeto Diversidade Sexual, Saúde e
Direitos entre Jovens:

hshjovem.abiaids.org.br/

Conselho Diretor:

Diretor-Presidente:
Richard Parker
Diretor vice-presidente:
Veriano Terto Júnior

Tesoureira:

Simone Souza Monteiro

Conselho Fiscal:

Luis Felipe Rios do Nascimento, Fátima
Maria Gomes da Rocha e Fernando
Seffner

Estagiária de comunicação:

Maria Lúcia Meira

Associados/as Participantes:

Alexandre Domingues Granjeiro, Carlos
Alberto Ebeling Duarte, Claudia Garcia
Serpa Osório de Castro, Francisco Xa-
vier Ramos Pedrosa Filho, Jorge Adrian
Beloqui, Kenneth Rochel Camargo Jú-
nior, Mário César Scheffer, Regina Maria
Barbosa, Ruben Araújo Mattos e Valdiléa
Gonçalves Veloso Santos

Coordenação editorial:

Vagner Almeida, Richard Parker, Veriano
Terto Júnior, Angelica Basthi e Juan
Carlos Raxach

Fotos:

Vagner Almeida.

Colaboraram nesta edição:

Vagner de Almeida, Juan Carlos
Raxach, Jean Pierry Leonardo e
Jessica Marinho.

Capa, Diagramação e Ilustração:

Agência FW2 (www.fw2.digital)

Apoio:

MAC
AIDS FUND

Brot
für die Welt

Realização:



Distribuição gratuita:

É permitida a reprodução total ou
parcial dos artigos desta publicação,
desde que citados a fonte e o respec-
tivo autor. As opiniões que constam
neste boletim são de exclusiva res-
ponsabilidade dos autores.

GUIAS DE SEXO MAIS SEGURO: OLHARES E DESAFIOS DA PREVENÇÃO NA 4ª DÉCADA

Por Jean Pierry Leonardo e Jessica Marinho
Jornalistas e assistentes do Projeto Diversidade Sexual,
Saúde e Direitos entre Jovens

Lidar com diferentes perspectivas, realidades, sonhos e prioridades nunca foi uma tarefa fácil. Agora pense em todos esses pontos reunidos a partir da sexualidade e da identidade de gênero de cada um. Esses foram alguns dos principais embates encontrados para a construção e produção dos módulos do “Sexo mais Seguro: Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no Século 21”, lançados pela ABIA.

Como jovens jornalistas, descrever a realidade dessas populações para alguns pode ser fácil, o que não ocorre na prática. A experiência foi extremamente rica, contudo o processo de criação e adequação de cada módulo levou mais tempo do que pensávamos. Editorialmente tínhamos muitas dúvidas e obtivemos muito conhecimento o que demandou um esforço para equilibrar as duas coisas e criar um material minimamente informativo, objetivo e com qualidade.

O primeiro a ser pensado e desenhado foi o guia destinado para a população HSH (Homens que fazem Sexo com outros Homens). Neste processo realizamos grupos focais para a extração desde os contos eróticos até o escopo do texto para a versão online. Além disso, os grupos focais foram essenciais para que pudessemos adentrar no universo de pessoas que vivenciam a sexualidade de uma forma muito singular. Talvez a partir desse momento começamos a enxergar um pouco da difícil tarefa que nos foi dada. Isso porque os jovens HSH eram de diferentes idades, contextos, raças e religiões o que fomentava discussões acaloradas sobre temas que deveriam ou não serem pautados.

Entretanto, esse momento também permitiu que os voluntários se sentissem

verdadeiramente contemplados por serem ouvidos e terem a possibilidade de construir um material em que eles pudessem se identificar. Isso facilitou a adesão de muitos ali presentes como modelos para as sessões fotográficas que ilustram o guia. Uma das maneiras utilizadas para deixar todos confortáveis neste momento foi a autonomia que o grupo recebeu para escolher como, com quem e de que forma gostariam de ser fotografados.

Mesmo com o caráter ousado sobre como deve ser a prevenção e principalmente para se trabalhar a sexualidade, tabu foi o que menos houve durante os ensaios uma vez que os HSH protagonizaram e construíram um belíssimo trabalho com a disposição que todos tiveram.

Em contraponto, esse voluntariado observado na população HSH não foi o mesmo nas mulheres cisgêneras. Por estarem presentes em uma sociedade que ainda é extremamente machista e patriarcal naturalmente as mulheres reproduziram a mesma dificuldade e o não reconhecimento da sua potência e independência para a realização das fotos. Devido à falta de trabalhos anteriores que pautassem a vida sexual e a sexualidade das mulheres de forma leve, clara e objetiva havia uma desconfiança sobre a forma como elas seriam vistas ou tratadas, ainda que todas as imagens e auxílio na produção textual fossem colocados em anônimo. Superados esses obstáculos, o que se percebeu adiante foi a vontade de aprender sobre o seu próprio corpo e formas de prevenção possíveis.

Muitas das meninas convidadas sequer sabiam utilizar a camisinha interna (“feminina”), mesmo aquelas que trabalham como profissionais do sexo. Outro ponto



interessante foi a ausência de esclarecimento sobre os riscos associados ao sexo desprotegido. Ainda assim, apesar da desconfiança anterior, as meninas presentes conseguiram relaxar e até simular o sexo lésbico. Algo que as mesmas alertaram ser necessário pautar.

Porém, como a realidade cisgênera ainda é mais observada e visibilizada do que a transgênera, a construção

parcela T em seus trabalhos institucionais.

Como não poderíamos fugir da responsabilidade que nos fora dada, nosso pontapé foi dado com a reunião e seleção de dois grupos distintos de mulheres travestis e transexuais para a confecção dos textos. Isso porque, existe uma diversidade dentro da própria diversidade. Aliás, esse foi o primeiro obstáculo: como

gays e heterossexuais, cisgêneros ou não cisgêneros.

Assim como houve uma separação para a construção de conteúdo, a mesma lógica – da equipe e das voluntárias – ocorreu nas fotos. Além da simplicidade e bom humor em estarem, para muitas pela primeira vez, sendo de fato reconhecidas, foi muito interessante e bonito perceber o quanto os dois momentos foram terapêuticos para elas. Isso porque elas compartilharam da experiência como uma espécie de vivência para também falarem mais a fundo sobre suas vidas, seus medos, anseios, dificuldades, origens, relacionamentos, transfobia e esperança.

A solidariedade também se fez presente. Isso porque entre elas havia uma espécie de cuidado e respeito pelos seus corpos e vivências. Naturalmente, nem todas estavam acos-



do Guia de Sexo Mais Seguro para a População Transexual sempre fora cercada de mais cuidado, incertezas e certa tensão entre a equipe – principalmente por todos serem cisgêneros (as). Qualquer “passo” em falso e/ou palavra mal dita ou escrita poderia estigmatizar ainda mais esse público, largamente acompanhada de estigma, discriminação e preconceito no seu dia-a-dia.

Buscamos nos cercar dos melhores elementos e informações para isso, mas ainda assim encontramos dificuldades, pela temática não ser interessante para ser trabalhada. Especialmente nos últimos anos com a escalada do conservadorismo no Brasil – e até a complacência de outras ONGs com a invisibilização da

falar de sexualidade para diferentes faixas geracionais de travestis e transexuais? E para diferentes raças? E como contemplar na linguagem e conteúdo aquelas que são redesignadas (operadas) e as não redesignadas (não operadas).

Neste momento, pudemos observar que as sessões opuseram em diversas ocasiões as próprias meninas trans. Isso porque a vivência de cada uma ali presente esbarrava em diferentes situações e perspectivas de vidas. Fosse daquela mais suburbana, fosse daquela mais acadêmica. Terminada esta fase, aconteceram as sessões fotográficas. E, diferentemente dos grupos anteriores, as travestis e transexuais não se opuseram em fotografar na presença de uma equipe mesclada de homens e mulheres,



tumadas a ficar tão expostas como no estúdio. E, durante esses pequenos momentos de timidez, aquelas mais confortáveis explicavam a importância de relaxarem e estarem colaborativas. O sentimento e orgulho de poder levar informações básicas, objetivas e fáceis para aquelas mais desfavorecidas falava mais alto.

Ao final de todo esse processo, o reflexo não poderia ter sido melhor. Cada lançamento de um sub módulo

foi seguido de um grande evento de lançamento. Apesar do ineditismo do trabalho, da ousadia na forma e conteúdo e do caráter ímpar do Guia, a receptividade surpreendeu! Ver as feições de voluntários e público externo felizes e elogiosos ao projeto foi o principal ganho de todos nós. Em tempos tão vultuosos de moralismo saber que as pessoas ainda valorizam um bom trabalho e não a sexualidade, a identidade de gênero e a sorologia do próximo como pa-

râmetro para julgamentos foi o sinal verde que precisávamos para saber que estamos no caminho certo – para elaborar também o de homens trans – vide os esgotamentos frequentes da publicação. Porque, como diria Betinho, “só bem informadas as pessoas saberão como se proteger da doença e deixarão de rejeitar aqueles que a contraíram”.



GUIAS SOBRE SEXO MAIS SEGURO: CORPOS REVELADOS COM A ARTE DA FOTOGRAFIA COMBINANDO A PREVENÇÃO

Por Vagner de Almeida,
Coordenador do Projeto Diversidade Sexual,
Saúde e Direitos entre Jovens

“A primeira fotografia do mundo feita em uma câmera foi tirada em 1826 por Joseph Nicéphore Niépce. A fotografia foi tirada a partir da janela de Niépce, na região de Borgonha, França. Esta imagem foi capturada através de um processo conhecido como heliografia, que se utilizava de betume.” (Wikipédia)

A importância da fotografia em nosso mundo pessoal e coletivo após dois séculos de história!

Certamente a invenção da fotografia foi uma das mais importantes para a humanidade e continua a desempenhar seu papel social, histórico e pessoal para o mundo deixando registrados os momentos passados, presentes e nos presenteando com um legado para o futuro.

A fotografia também é arte, forma intensa de expressão, veículo de evolução, pesquisa, revolução e denúncia. A transição entre o amadorismo e a vida de fotógrafo profissional tem – muitas vezes – a fotografia social e experimental como pontapé inicial. A mesma auxilia na aprendizagem de ver o objeto a ser fotografado além do olhar e clicar, a entender os significados do objeto, do cenário ou corpo a serem registrados pela lente da câmera. Após uma série de cliques informais começam a aparecer as primeiras oportunidades, normalmente em família, entre amigos, pares, pequenos eventos e grandes momentos, que evoluem para cliques que podem marcar e mudar o registro do mundo.

A fotografia tem um papel importantíssimo na sociedade. Podemos considerar a arte de fotografar como o meio mais

perfeito para gravar e reproduzir manifestações culturais, datas que marcam nossas vidas e denúncias sociais. A fotografia é a responsável pelo surgimento do cinema e da televisão dois grandes meios de comunicação de grande valor para a sociedade em todo planeta.

Já a fotografia documental é um gênero que trabalha o registro cultural na história da solidariedade do indivíduo como um objeto de estudo ou não, na luta por justiça social, no ativismo cultural ou artístico de um momento, em oposição à publicidade ou jornalismo. É o ramo mais pessoal da fotografia contemporânea, em que a situação servirá de elemento para um trabalho específico elaborado de forma mais aprofundada ao tema que iremos clicar na arte de transformar o mundo.



“E quem diria que aquelas máquinas fotográficas, primitivas e limitadas iriam se transformar em um pequeno software minúsculo disponível em qualquer aparelho celular nos cantos mais remotos do planeta!” (Vagner de Almeida)

O PODER DA FOTOGRAFIA

Foi através da fotografia com cunho de ativismo social, que o Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens da ABIA organizou uma série de sessões fotográficas com grupos diferenciados de voluntarixs entre elxs: Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH), Mulheres Cis, Mulheres Trans e Travestis e Homens Trans (que está em fase de construção) para a criação de Guias de Sexo Mais Seguro. O trabalho baseou-se no prazer e saúde no século 21. Uma das premissas do projeto é o compromisso com a luta pelo fim da epidemia de AIDS, levando em conta à justiça social e vivência desses grupos, que ajudaram com suas ideias, corpos, desejos e voluntariado em prol da criação de possíveis mecanismos que exponham através de seus corpos a luta diária pelo fim do estigma e discriminação contra pessoas soropositivas ou não e outras minorias.

Foi uma opção consciente trabalhar os ensaios fotográficos com xs voluntários, pessoas que atuam e/ou já atuaram em diferentes atividades do Projeto Diversidade Sexual. Desta

vez, optamos por modelos não profissionais, como foram contratados nos anos anteriores para a realização as campanhas de sexo seguro da instituição. Alguns são profissionais do sexo, outros ativistas e pessoas de comunidades. Buscamos também contemplar a variedade e diversidade de cores/raças, tipos corporais que fujam dos padrões de corpos malhados e delgados. Assim, buscamos por corpos comuns, estilos e jeitos, além da diversidade de gênero e sexualidade destas populações.

Conseguimos desconstruir algumas barreiras corporais que estão presentes entre alguns grupos que se prontificaram a serem fotografados. As genitálias com as mulheres trans não redesignadas e redesignadas. As travestis e o respeito pelo seu próprio corpo às vezes ainda em formação plástica e de formas mais femininas. A obesidade em mulheres cis. O tamanho do pênis em homens HSH. A passividade e a atividade e outras barreiras foram ultrapassadas durante as sessões de fotografia, sendo cada dia e momento um compartilhar de conhecimentos entre os participantes, o fotografo e sua equipe. Quando os incômodos e barreiras surgiam, parava-se o processo de fotografar e tentávamos juntos resolver questões que impediam as pessoas de prosseguirem o processo de construção e desconstrução do laboratório da criação do processo

de construção da linguagem fotográfica do guia.



Partindo do princípio que “direitos sexuais são direitos humanos” iniciamos o processo da construção do primeiro módulo do Guia de “Sexo Mais Seguro sobre Sexo, Prazer e Saúde no século 21 para a Prevenção do HIV” destinado aos homens que fazem sexo com homens, às mulheres cis e às mulheres trans e travestis.

Todas as construções dos folhetos/folders foram criadas através de



“Algumas culturas no passado acreditavam que ao ser fotografados suas almas eram roubadas de seus corpos e no presente a fotografia alimenta a alma e o ego de muitas pessoas.” (autor desconhecido)

grupos focais específicos, que se formaram por meio de chamadas vias redes sociais na internet, grupos de ativistas e no “boca a boca” de conhecidos. Juntos, via troca de experiências, foram sendo construídos todos os textos que seriam incorporados aos guias. Esses processos de construções antecederam as sessões de fotografias com todos voluntários. Neste processo foram sugeridos e surgindo temas para os guias, criações de linguagens atualizadas e específicas direcionadas aos coletivos que desejávamos alcançar com os produtos finais.

Entendemos desde o início que estes grupos são diferentes e que cada tópico dos guias deveria ser construído de forma coletiva com os grupos, mas com as diferenças atribuídas ao gênero, sexualidade e saúde de cada população.

Quando os grupos foram formados e as pessoas estavam conscientes do que se tratava a construção coletiva do produto final, iniciamos as sessões fotográficas usando metáforas

e ressignificações dos temas que iríamos colocar nos guias. E está aí mais uma das possibilidades infinitas que a fotografia nos concede no processo de repaginar os significados e com isto construir um acervo de ideias. Após definir os temas escolhidos junto com os voluntários, começamos a capturar as imagens dos corpos nus através das lentes das câmeras, criando e dando significados aos temas sugeridos para compor o guia.

Foram horas e dias para entendermos os significados fotográficos de sexo mais seguro, como falar sobre sexo através de imagens, indagar o que é sexo mais seguro, formas de sexos, sem e com penetração, sexo oral, opções para sexo mais seguro, com dedos e mãos, com brinquedos sexuais, sexo mais seguro nos tempos da prevenção combinada, criar imagens sobre Profilaxias Pós-Exposição (PEP) – depois da exposição ao HIV; Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) – antes da exposição ao HIV; entender através de imagens o que se quer dizer sobre Tratamento como Prevenção (TCP) e captar com um



clic “Indetectável=Intransmissível” saindo do abstrato para o concreto.

Esse projeto não se trata apenas de



um trabalho sobre um guia de sexo mais seguro, pois presta um serviço à sociedade a partir do momento que suscita debates sobre problemas sociais, morais e sexuais. Além de retratar as diversidades religiosas e políticas que afligem a humanidade, sempre trabalhando todas estas questões na construção dos guias de sexo mais seguro.

De forma simples a fotografia documental, neste caso, busca a mistura perfeita de arte, visão pessoal do fotógrafo e o registro histórico de seus personagens e protagonistas

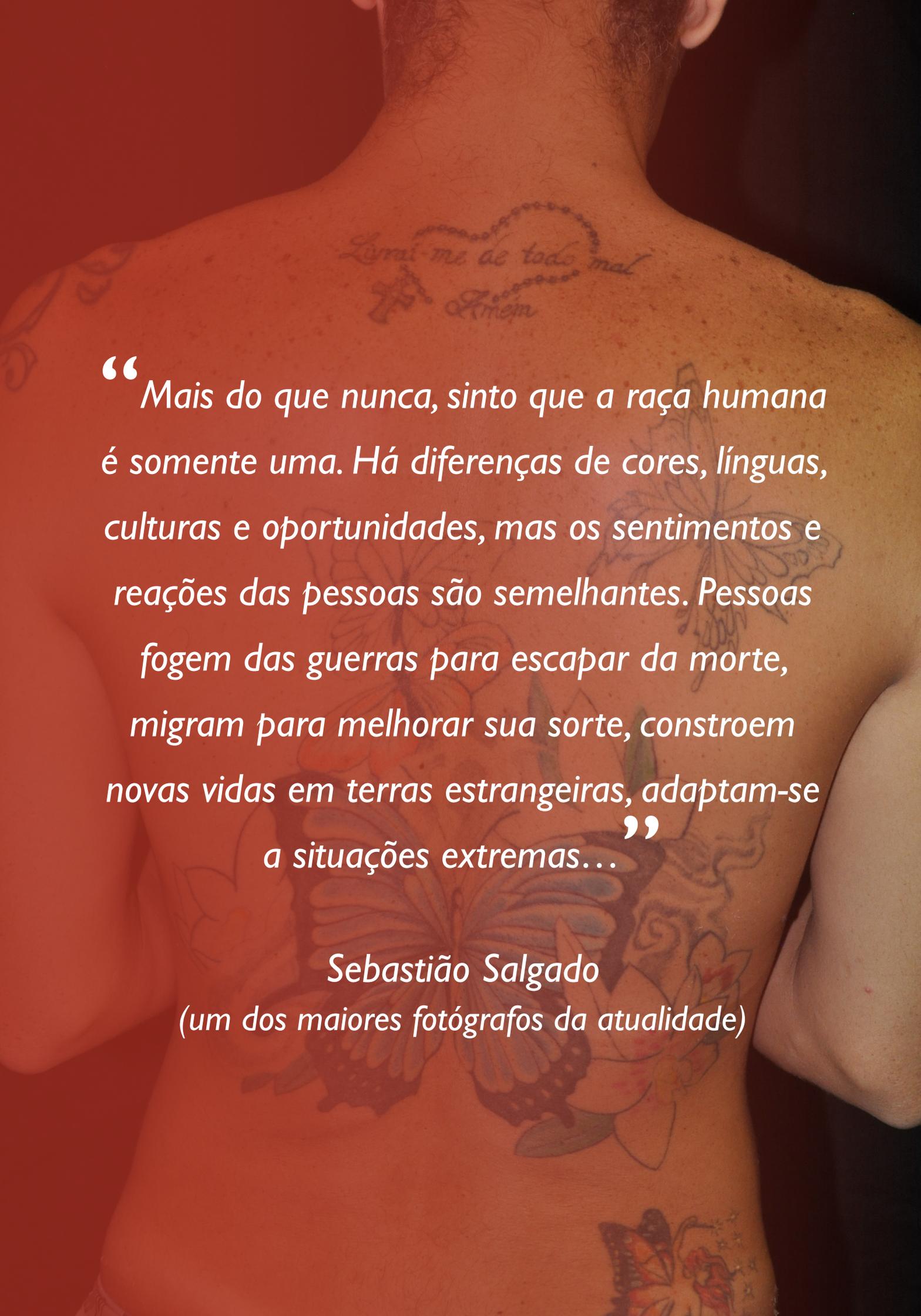
(individuais ou em grupo).

Todos os participantes dos guias fizeram do ensaio fotográfico um momento de reflexão sobre seus corpos, suas atitudes e comportamentos em relação as suas práticas sexuais. Homens gays, bissexuais, mulheres cis, mulheres trans redesignadas ou não e travestis com suas diversidades ajudaram a construir os guias de sexo mais seguro no século 21.

Foram criados dois meios para acessarmos os guias: um mais técnico para internet, sendo muito mais amplo e

aberto para adições e contribuições de novos termos e/ou significados e outro impresso. Foi utilizando o material construído para a internet que criamos guias no formato impresso com o conteúdo mais resumido e com endereços eletrônicos para os interessados se aprofundarem mais nos temas, além de servir de instrumento para palestras e multiplicação de saberes. Todo este material se encontra disponível no site do Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens – hshjovem.abiaids.org.br





“ Mais do que nunca, sinto que a raça humana é somente uma. Há diferenças de cores, línguas, culturas e oportunidades, mas os sentimentos e reações das pessoas são semelhantes. Pessoas fogem das guerras para escapar da morte, migram para melhorar sua sorte, constroem novas vidas em terras estrangeiras, adaptam-se a situações extremas...”

*Sebastião Salgado
(um dos maiores fotógrafos da atualidade)*

GUIA DE SEXO SEGURO

Juan Carlos Raxach,

Co-coordenador do Projeto Diversidade Sexual,
Saúde e Direitos entre Jovens

Desde o início dos anos 80 quando foram relatados os primeiros casos e anunciado para o mundo a existência de uma “nova” doença que afetava os homossexuais a comunidade viu a necessidade de inventar suas próprias estratégias para enfrentar a epidemia, se proteger e proteger os outros da infecção. Com a descoberta que a doença (AIDS)¹ era causada por um vírus (HIV)² que enfraquecia o sistema imunológico e que a sua principal via de transmissão era através das relações sexuais onde existiam trocas de fluidos sexuais, as comunidades inventaram estratégias sadias para continuar com uma vida sexual plena e saudável.

Antes da camisinha ser comprovadamente eficaz para impedir a transmissão do HIV por meio de práticas com penetração e ejaculação interna, o chamado sexo seguro compreendia as práticas tidas como “não sexuais” geralmente punidas por questões morais e religiosas e porque não se acompanhavam de penetração. Assim, antes da aprovação da camisinha como método eficaz para impedir a transmissão do HIV (batalha ganha não facilmente na época) formavam parte do sexo seguro os amassos, beijos, masturbação mútua (altamente punida), lambidas, “esfrega-esfrega” e qualquer outra que a imaginação fosse capaz de criar sem o intercâmbio de fluidos sexuais.

Rapidamente surgiram panfletos e matérias que falavam sobre formas de não se infectar (contaminar, terminologia utilizada na época) com o HIV e os aguerridos e ousados “Guias de Sexo Seguro”.

Os Guias de Sexo Seguro dentro do mundo da sexualidade foram mate-

riais revolucionários como, certamente, tudo o que acompanhou a epidemia de AIDS desde o seu início nos diferentes saberes sejam: comunitários (populares) ou acadêmicos (científicos) multidisciplinares.

Os Guias sobre Sexo Seguro tomaram rapidamente conta do mundo da prevenção do HIV/AIDS incorporando dentro delas questões que iam muitas vezes para além do sexo seguro como é o caso do conceito de Redução de Danos para as Pessoas Usam Drogas Injetáveis (na época nomeadas de UDI).

A camisinha rapidamente adquiriu o lugar de “rainha” dos métodos de prevenção porque além de prevenir a infecção pelo HIV durante as práticas sexuais com penetração (anal e/ou vaginal) também prevê a transmissão de outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da gravidez não planejada. Assim os guias de sexo seguro incluíram dentro de suas informações não só questões relacionadas a prevenção do HIV mas também de outras ISTs.

NOVAS EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS: NOVOS MÉTODOS E ESTRATÉGIAS

Ainda que a camisinha e seu uso adequado sejam altamente eficazes na prevenção da transmissão nem todos adotaram o método para impe-

1 Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

2 Vírus da Imunodeficiência Humana



dir a infecção pelo HIV. Práticas desprotegidas sem o uso da camisinha continuaram (e continuam) a formar parte da vida sexual de muitas pessoas. As pessoas na procura da sua autonomia e direito de decisão e escolha criaram estratégias que se não são altamente eficazes na proteção da infecção, são capazes de diminuir a transmissão do vírus como forma viável de redução de danos, mas que não são divulgadas – nem bem aceites – pelas autoridades sanitárias como: *serosorting* e posicionamento estratégico.



Serosorting: terminologia em inglês que traduzida para o português não é mais que a escolha do parceiro/s sexual/ais que tenha/am o mesmo resultado da sorologia para HIV que você, para praticar o sexo sem preservativo.

Posicionamento estratégico (segurança negociada): é o ato de uma pessoa escolher uma posição ou prática sexual diferente,



dependendo da sorologia de seu parceiro. Se o status sorológico da pessoa for positivo para o HIV escolhe optar por a posição de receptivo. Essa prática se baseia em que durante o sexo anal desprotegido o parceiro receptivo tem mais probabilidade de se infectar com o HIV que o parceiro insertivo.

A partir de 2007 se iniciam pesquisas sobre Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) com uma combinação específica de antirretrovirais sendo aprovada em 2012 como método altamente eficaz para impedir a infecção pelo HIV.

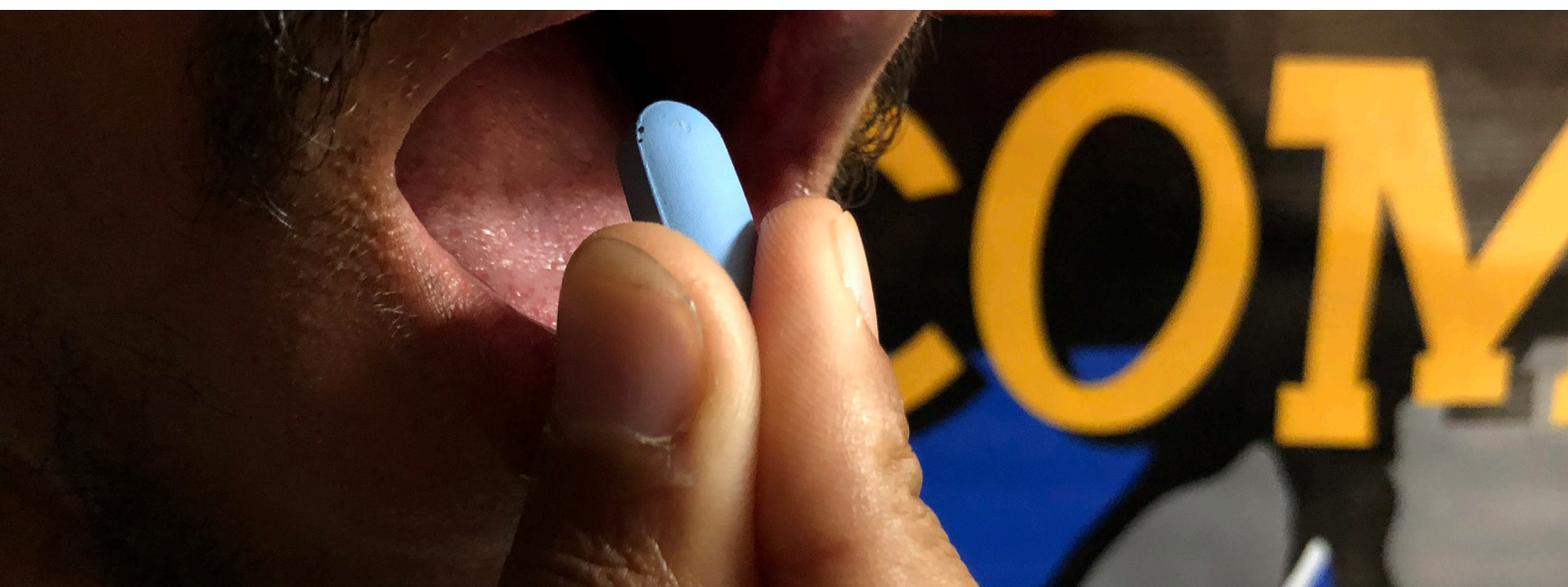
Antes da PrEP, uso de antirretrovirais (ARVs) para Profilaxia Pós-Exposição (PEP) utilizada

inicialmente apenas para acidentes ocupacionais, pela sua eficácia comprovada e pressão da sociedade civil, foi ampliada posterior-

mente para todas as situações de violência e exposição sexual à infecção pelo HIV. A PEP é adotada como política de saúde no país desde 2000.

Paralelamente a chegada de novos métodos eficazes na prevenção da infecção pelo HIV também ocorreram mudanças dentro do tratamento da infecção pelo vírus. Deixou de ser necessário a espera da deterioração do sistema imunológico e desenvolver uma infecção oportunista para início de terapia com ARV e a contagem de linfócitos CD4 passou a ser o marcador utilizado para início da terapia combinada com ARVs.

A estratégia Testar e Tratar chega com uma nova recomendação,



toda pessoa com teste positivo para o HIV deve iniciar terapia antirretroviral combinada independente do resultado da contagem dos linfócitos CD4.

O início da terapia antirretroviral desde o momento do diagnóstico demonstrou que além de ser muito eficaz e favorável na evolução clínica das pessoas infectadas com o vírus também é um método muito eficaz no processo da transmissão do HIV. Assim depois de 20 anos de acompanhamento e pesquisas ficou cientificamente evidente que quando uma pessoa vivendo com HIV alcança a carga viral indetectável, depois de seis meses o vírus deixa de ser transmitido em relações sexuais.

Todas essas abordagens biomédicas junto com as comportamentais e estruturais formam parte da Prevenção Combinada que oferece um amplo leque de formas de prevenção, mas para as pessoas ainda é complexo e difícil compreender.

A Prevenção Combinada conforme o material de 2017 do Ministério de Saúde nos “remete à ideia de conjugação de diferentes ações de prevenção, tanto em relação ao vírus HIV quanto aos fatores associados à infecção, sendo este o ponto de partida para sua conceituação.” Assim, sua definição parte do pressuposto de que diferentes abordagens devam ser conciliadas em uma estratégia

conjunta, em que as partes não devem ser dissociadas do todo que compõem.

Nesse sentido, o termo pressupõe a combinação das três abordagens possíveis na formulação de estratégias de prevenção do HIV: a abordagem biomédica, a abordagem comportamental e a abordagem estrutural. NADA FÁCIL DE ENTENDER por parte das comunidades que precisam se apropriar dela e coloca-las em práticas.

Sobre essas questões Richard Parker³ escreve amplamente no texto “Pedagogia da Prevenção:

3 Diretor-presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)



reinventando a prevenção do HIV no século XXI (ABIA, nov.2015).

A partir da complexidade e dificuldades para a compreensão da Prevenção Combinada, Richard Parker reúne a equipe do Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens e nos propõe retomar e pensar a elaboração do guia de sexo seguro na era da Prevenção Combinada surgindo assim o material “Sexo Mais Seguro: Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no século 21”.

Depois de várias reuniões da equipe chegamos na necessidade de construir um guia com diferenciais em relação aos já existentes. Primeiramente, pela complexidade atual da prevenção da infecção pelo HIV, decidimos realizar e publicar de forma virtual na página do projeto (<http://hshjovem.abiaids.org.br/prevencao-da-infeccao-pelo-hiv-modulo-1-sexo-mais-seguro/7999#>) módulos específicos para a prevenção da infecção pelo vírus, outro para as ISTs e por último um para a pre-

venção da infecção por hepatites viriais:

Módulo 1 – “Sexo Mais Seguro: Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no século 21 para a prevenção da infecção para o HIV” (http://hshjovem.abiaids.org.br/wp-content/uploads/2018/07/SexoSeguro_Modulo1-1.pdf).

Módulo 2 – “Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs): Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no século 21” (http://hshjovem.abiaids.org.br/wp-content/uploads/2018/07/SexoSeguro_Modulo2-Site_Final.pdf)

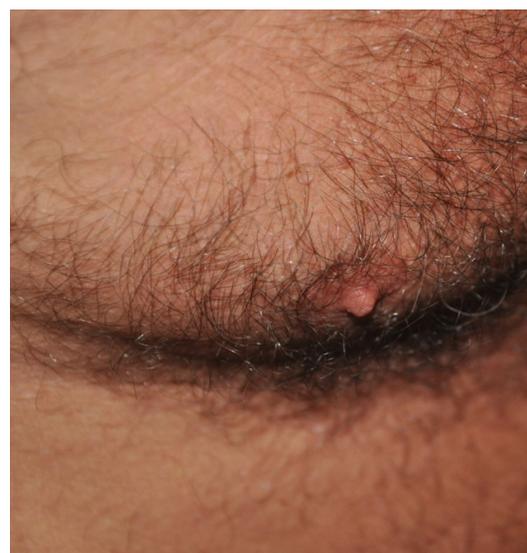
Módulo 3 – “Prevenção das Infecções das Hepatites Viriais (ISTs): Um Guia sobre Sexo, Prazer e Saúde no século 21” (em fase de publicação).

A publicação virtual (online) dentro da página do projeto, nos permite a rápida atualização e divulgação de evidências científicas relacionadas com o tema e

mesmo, incorporar questões solicitadas pelos leitores e que não foram contempladas.

Na prática também sentimos a necessidade de disponibilizar o material impresso com conteúdo básico em relação a prevenção combinada da infecção pelo HIV, mas contendo informação diferenciada para cada população (HSH, Mulheres e Homens Trans, Mulheres CIS) questões que foram abordadas no artigo de Jean Pierry e Jéssica Marinho.

Por último, como é tradição da ABIA, destacamos a beleza das imagens fotográficas ousadas, mas altamente demonstrativas sobre o uso de cada um dos métodos que podem ser utilizados, fotos obtidas através da voluntariedade e solidariedade colaborativa das comunidades representadas. Agradecemos profundamente a todxs que com espírito solidário ofereceram suas imagens com amor para a ajuda no enfrentamento da epidemia.



COM A PALAVRA, OS/AS VOLUNTÁRIOS/AS!



RAJNIA DEVITO

ASSISTENTE DE PESQUISA E COMUNICAÇÃO DO OBSERVATÓRIO DE SEXUALIDADE E POLÍTICA - SPW¹

“O fato de ter sido consultada de forma que minhas impressões e sugestões fossem acolhidas tão abertamente me mostrou como esse material é o resultado de um trabalho profundamente revolucionário na sua forma, elaboração, linguagem e estética. Uma vez que os materiais ficaram prontos, me surpreendi ao me deparar com um desenho e conceitos completamente inovadores para falar e exibir o sexo e a prevenção, que remetem à transgressão e irreverência da pornô chanchada. É um material que “derrama o leite mal na cara dos caretas”.

¹ SPW é a sigla em inglês do Observatório de Sexualidade e Política, secretariado pela ABIA



WESCLA VASCONCELOS

ATRIZ, PEDAGOGA, MESTRANDA EM CULTURA E TERRITORIALIDADES PELA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF, ACESSORA DA SUPERINTENDÊNCIA DE POLÍTICAS LGBT DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

“Particpei da mobilização de mulheres trans e travestis na ABIA para realizarmos coletivamente a elaboração do material abordando de forma bastante pedagógica e informativa o guia sexo mais seguro para mulheres trans e travestis. Trata-se de um material que tenho muito orgulho de ter me envolvido, muito em grande parte pela minha vivência enquanto uma jovem travesti e nordestina, que sempre esteve atenta ao debate sobre acesso à saúde, prevenção e adesão a tratamentos do HIV/AIDS e, sobretudo, no cotidiano divulgando estratégias para redução dos danos causados por demais ISTs junto a outras manas mulheres trans e manos homens trans no Rio de Janeiro. Acredito que o material que estivemos envolvidas na construção é potente demais para discussão sobre saúde pública, corpos que não são considerados aptos em campanhas de saúde para mulheres, e que está presente nele várias interseccionalidades como raça/cor/mulheres trans redesignadas e não redesignadas. É um material bastante contemplativo, tenho muito orgulho pela parceria do movimento social junto à ABIA e espero que possamos avançar cada vez mais. Em breve será lançado guia sexo mais seguro para homens transexuais, estou muito orgulhosa dessa sensibilidade que a ABIA, a pedido do movimento social, está tendo.”



LUCAS PINHEIRO DA SILVA

GRADUANDO EM SERVIÇO SOCIAL, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

“O ‘Guia do Sexo Mais Seguro’ tem como foco a prevenção de ISTs, Hepatites Virais para as pessoas, sejam heterossexuais ou homossexuais, jovens ou idosos, cisgêneros ou transgêneros, brancos ou negras, sexualmente ativas ou pouco interativas. De modo que utilizou palavras do cotidiano, sem perder a nitidez. Entendo que a depender do público a forma de transmissão desse conhecimento é elaborada a partir das demandas levantadas por cada localidade. Apresentou em sua elaboração e formatação, não apenas a proposta de reeditar algumas campanhas da década de 1990, mas o uso de imagens da realidade do uso adequado dos preservativos masculino e feminino, com intuito de não mais relacionar os usos a meios de sexo mais seguros com a falta de prazer, mas pelo contrário, relacionar estímulos a práticas sexuais que vejam a prevenção combinada aliada ao prazer. Buscando com isso não mais reascender a ditadura do preservativo como forma impositiva e ‘quase’ não dialogada. Portanto, as experiências, conhecimentos, trocas, trabalhos e produtos desenvolvidos esse ano pelo projeto, possibilitou-me coletivamente pensar em novas formas de compartilhamento de saberes entre pares. Apresentou-me outras demandas no que tange as práticas da vida sexual ativa junto ao uso de combinações de profilaxia, sem deixar o prazer de lado, que é parte central na promoção da saúde sexual no século XXI.”





JEAN VINICIUS
ATIVISTA

“Compreendo que a construção e disponibilização desse material é um tanto inovadora, especialmente por valorizar as vozes das comunidades e grupos mais vulnerabilizados pela epidemia. Sinto-me profundamente honrado de ter participado desta iniciativa, pois compreendo que a mesma quebra determinados estigmas e colabora para o fortalecimento da autoestima das pessoas que vivem e ou convivem com alguma infecção sexualmente transmissível, através de uma educação sexual e reprodutiva emancipatória.”



DAFNE KORA
FEMINISTA E ATIVISTA LGBT, INDÍGENA E BRUXA

“A experiência em ser convidada para fazer parte do guia de sexo mais seguro foi super impactante. Saber que a ABIA enxergou em mim a força do feminismo e do empoderamento trans através da minha vivência para contribuir para o projeto e ainda tendo todo o carinho de reconhecer a minha trajetória de ativismo dentro e fora do meu município de São Gonçalo sobre as pautas da comunidade LGBTI, do poliamor, feminismo trans, indígena, arte drag e para existência da tolerância religiosa em nosso país. E para me o produto final do guia ficou incrível tendo todas representatividades trans e travestis abordadas em várias situações no ato sexual e ficando bem explicado e acessível para toda população brasileira sendo parte da comunidade LGBTI ou não.”



SARU ALBUQUERQUE
ATIVISTA

“Acredito que esse material, assim como outros materiais que a ABIA vem criando ao longo dos anos é de grande importância principalmente para nós jovens já que vem carregado com um grande conteúdo informativo. A nossa geração tem muitas armas de combate e meios de prevenção e a equipe ABIA usa muito bem desses artificios!”





RENATA PROENÇA
ATRIZ

“Sou uma mulher transexual redesignada e artista. Como tal, acredito na desconstrução de pensamentos retrógrados para que juntos, possamos questionar os valores e suas crenças de nossa atual sociedade. Ter feito parte deste projeto de cunho tão grandioso, fez-me acreditar no poder da informação para que mais pessoas possam buscar por qualidade de vida, sem deixar de se prever contra as DST s”.



PENÉLOPE M. RAPOSO
PSICÓLOGA CLÍNICA – MESTRANDA EM PSICOLOGIA SOCIAL NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO - UERJ

“Pouco mais de três décadas após o início da epidemia de HIV/AIDS ainda encontramos obstáculos na forma como lidamos e enfrentamos essa questão. Fatores de ordem moral e excludente contribuem para esse quadro, mas graças a atores, instituições e projetos que demonstram sua capacidade de resistência e criatividade essas barreiras seguem sendo enfrentadas com muita coragem. O Guia do Sexo Mais Seguro é um dos frutos desse trabalho. Criado pelo Projeto Diversidade Sexual, Saúde e Direitos entre Jovens, é um material que, com muita sensibilidade e cuidado, se propõe a levar informação a respeito da prevenção e sexualidade em linguagem descomplicada e livre de preconceitos para a população, especialmente a mais jovem. Destaca-se também a iniciativa de falar sobre diversas formas de se relacionar e de existir, permitindo que o guia seja lido por todo tipo de público, independente de orientação sexual ou identidade de gênero.”





DIREITOS SEXUAIS SÃO DIREITOS HUMANOS
 Se você sofre maus-tratos por causa de seus desejos homossexuais, você pode dar um basta!
 Procure ajuda no Conselho Tutelar ou na Delegacia mais próxima de sua residência.







ABIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
INTERDISCIPLINAR DE AIDS

abia@abiaids.org.br
www.abiaids.org.br



hshjovem.abiaids.org.br/